

A PATRIMONIALIZAÇÃO DO FUTEBOL: NOTAS SOBRE O MUSEU DO FUTEBOL

Clara Azevedo

Mestre em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e diretora executiva do Museu do Futebol

Daniela Alfonsi

Mestre em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e coordenadora de documentação, pesquisa e exposições do Museu do Futebol.

Resumo

O artigo propõe um sobrevoo sobre os desafios envolvidos na patrimonialização do futebol, entendido como um fenômeno dinâmico que permeia diferentes áreas da vida social. A reflexão tem como mote o Museu do Futebol, inaugurado em setembro de 2008 e localizado no Estádio do Pacaembu, São Paulo. O comportamento do visitante e a relação estabelecida entre este e o acervo exposto são a chave para compreender como o MF constituiu-se, neste curto espaço de tempo, em um local no qual diferentes agentes protagonizam um processo de identificação a partir dos elementos simbólicos do futebol, fundamental para a preservação e escolha daquilo que será musealizado.

Palavras-chave

Museu do Futebol • patrimonialização • identidade.

Correspondência

Museu do Futebol

Praça Charles Miller, s/n

01234-910 – Estádio do Pacaembu – São Paulo – SP

E-mails: clara@museudofutebol.org.br; daniela@museudofutebol.org.br

* Agradecemos à equipe do Museu do Futebol pelo apoio dado para a elaboração deste artigo, cujas ideias são fruto de agradáveis trocas, possibilitadas pela dedicação de todos ao trabalho. Em especial, agradecemos a André Gomes de Assis, Amaury Brito, Julia Picchioni, Laerte Machado e Renato Baldin.

FOOTBALL PATRIMONIALIZATION: ABOUT THE FOOTBALL MUSEUM

Clara Azevedo

Master Degree in Social Anthropology, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas of the Universidade de São Paulo, and Football Museum CEO

Daniela Alfonsi

Master Degree in Social Anthropology, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas of the Universidade de São Paulo, and Football Museum Content Coordinator

Abstract

The article discusses the challenges of the heritage of football, understood as a dynamic phenomenon which cuts across different areas of social life. The Football Museum, opened in September 2008 and located in the Pacaembu Stadium, Sao Paulo, is the theme of this reflection. The visitor's behavior and the relations established between the visitors and the exhibit are the key to understand how the Museum has become, in a short time, into a space where different actors engage a process of identification from the symbolic elements of football. This process is fundamental to preserve and to choose what contents of the football will be musealize.

Keywords

Football Museum • patrimonialization • identity.

Contact

Museu do Futebol

Praça Charles Miller, s/n

01234-910 – Estádio do Pacaembu – São Paulo – SP

E-mails: clara@museudofutebol.org.br; daniela@museudofutebol.org.br

* We thank the team from the Football Museum for their support in preparing this article, whose ideas are the result of pleasant discussions, made possible by their dedication of all work. Special thanks to Andre Gomes de Assis, Amaury Brito, Julia Picchioni, Laerte Machado and Renato Baldin.

Dentre as centenas de notícias sobre o futebol brasileiro que circularam no início de 2010, uma gerou um dilema nos bastidores do Museu do Futebol (MF): a de que o Grêmio Barueri, clube da Região Metropolitana de São Paulo, fundado em 1989 e que participou da série A do Campeonato Brasileiro pela primeira vez em 2009 – nela permanecendo em 2010 – passaria a “mandar” os seus jogos em Presidente Prudente. Para a torcida, isso é praticamente o fim do clube, considerando que para acompanhar os jogos terá que viajar a longa distância de 500 quilômetros. Empresários da região já formaram um novo clube para representar o município e ocupar as instalações e o estádio do “desertor”.

Tal fato criou um impasse para a equipe gestora do Museu: estávamos prestes a inserir uma ficha com os dados do Grêmio Barueri na seção Fichário de Clubes, em uma das salas da exposição de longa duração. Esse fichário traz informações de 128 clubes que participaram pelo menos uma vez, a partir de 1974, da primeira divisão do Campeonato Brasileiro. O Grêmio Barueri será o número 129, e a sua ficha, agora, deverá dar conta da novidade.

É certo que o Barueri não foi o primeiro e nem será o último clube a passar por esse tipo de mudança. No mesmo fichário, encontramos exemplos de clubes extintos ou que se associaram a outros para criar um novo. Mas o caso atual nos faz refletir sobre os limites e potencialidades de musealizar um fenômeno tão dinâmico quanto o futebol. Se a nova ficha estivesse incluída na exposição, já estaríamos ultrapassados e mais uma pendência entraria para uma lista interminável de atualizações de conteúdo que são necessárias à atual exposição de longa duração do Museu. Contudo, como a informação ainda não se encontra disponível ao visitante, o desafio é como contar uma história ainda sem rumo certo para acabar.

O caso da atualização dos fichários, entre outros que poderiam ser citados, sinaliza as dificuldades de lidar com uma prática cultural que como tal é dinâmica, multifacetada e irredutível às suas manifestações materiais. O processo de musealização de qualquer fenômeno cultural pressupõe a escolha das referências que serão preservadas, evidenciando um passado e articulando tal memória com problemas contemporâneos. Diante disso, a proposta deste artigo é apontar alguns desafios quando se trata de patrimonializar um fenômeno como o futebol a partir da experiência do recém criado Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembu em São Paulo.

A pretensão aqui não é esgotar o tema, nem tampouco dar conta da abrangente discussão acerca da patrimonialização de referências tangíveis e intangíveis, abordagens que exigiriam aprofundamento e um controle mais rigoroso de toda a bibliografia que trata do assunto. O que motiva a escrita, sobretudo, é a possibilidade de contribuir para os estudos sobre o futebol a partir de um lugar específico: o

Museu do Futebol, cuja missão, justamente, é a de musealizar o fenômeno, ou seja, como instituição museológica, o MF deve identificar e analisar o comportamento do homem frente ao seu patrimônio a fim de desenvolver processos para que tal relação transforme-se em herança e contribua para a construção de identidades.

É importante destacar que esse texto é escrito por pessoas que atualmente fazem parte da gestão do Museu. Considerando isso, optamos por aproveitar a experiência cotidiana para relatar comportamentos dos visitantes e tornar público, pela primeira vez, alguns dos partidos que a instituição tem tomado. Ressaltamos que as notas lançadas aqui são fruto de indagações e problemas cotidianos e não de uma pesquisa sistemática e objetivada para resultar nesse artigo. Portanto, a intenção é compartilhar preocupações e percepções oriundas da vivência diária no Museu e do entendimento de seus objetivos, abrindo-se para o diálogo com novos interlocutores.

Desse modo, iniciamos o texto situando a especificidade do MF e a problemática de seu tema gerador em um contexto museológico mais amplo. Em seguida, explicitamos algumas escolhas curatoriais que nortearam a exposição de longa duração do MF e os respectivos impactos no público que visita o museu. Para concluir e dar apenas o pontapé inicial rumo a uma discussão ampla e que merece atenção, apontamos como a experiência do público, o futebol realizado fora do museu e as diferentes iniciativas de guarda da memória do esporte sinalizam os caminhos possíveis para a empreitada de musealizar o futebol.

O MF foi inaugurado em 29 de setembro de 2008, data que celebra a conclusão de um projeto – disparado em meados de 2005 e que envolveu uma série de profissionais e escolha¹ – e o início de outro projeto, que será aqui o foco da reflexão: um museu em funcionamento, com as várias implicações geradas pela interação do público com o conteúdo exposto e pelas opções institucionais. Adiciona-se a isso o fato de o tema ser o futebol, fenômeno de ampla repercussão nacional e mundial.

É possível dizer que a criação do Museu do Futebol integra e é fruto de um processo de mudanças nas concepções a respeito do que seria patrimônio e do

¹ O Museu do Futebol, da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, foi idealizado pelo então prefeito de São Paulo José Serra e contou com uma parceria público-privada, via lei de incentivo fiscal (Lei Rouanet) para sua realização. Todo o desenvolvimento do projeto foi gerenciado pela Fundação Roberto Marinho. Participaram do projeto de implantação aproximadamente 300 profissionais em 18 meses de obras. O curador é Leonel Kaz, o projeto arquitetônico é de Mauro Munhoz e assinam a expografia Daniela Thomas e Felipe Tassara. Atualmente, o MF é gerido por uma organização social de cultura denominada Instituto da Arte do Futebol Brasileiro que recebe um aporte da Secretaria de Estado da Cultura para esse fim.

papel de um museu, ocorridas nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 1970. A ênfase quase exclusiva nas ações de conservação e documentação e em procedimentos museológicos voltados, sobretudo, para coleções deslocadas, abrindo espaço para discussões a respeito das funções sociais de um museu, bem como para maneiras mais dilatadas de se pensar, preservar e comunicar determinado patrimônio.²

Como um museu não oriundo de uma coleção específica ou de coleções, como originalmente foram conformados estes espaços, mas sim, de um tema e por isso aberto a inúmeras representações, o MF enfrenta, ainda, uma série de preconceitos para se solidificar como instituição museológica num cenário marcado por espaços distintos e tradicionalmente reconhecidos como tais. Sem dúvida, o tema gerador, o futebol (assunto menor?), e a utilização maciça de recursos tecnológicos contribuem para sua condição um tanto inclassificável no âmbito dos museus. Afinal, qual é o seu acervo? – questionam-se especialistas ao depararem-se com a reunião de conteúdos, expostos em diferentes suportes, tais como ampliações fotográficas, vídeos, projeções holográficas e sistemas de áudio. Com uma forma de comunicar que, na esteira de outras iniciativas, rompe com a visão tradicional de um museu composto por objetos em vitrines ou quadros nas paredes, o MF, comparado aos irmãos bem mais velhos e diferentes, encontra-se em posição um tanto ambígua em relação a grande maioria de seus pares.³

Uma discussão mais especializada sobre o que pode ser alçado à condição de acervo e o que definiria uma instituição museológica é ampla e não está no escopo deste artigo, porém o exercício de refletir sobre o futebol como fenômeno passível de musealização, sim. Tal questão não é nova e tem um bom exemplo no processo de transformação em patrimônio do Parque do Povo, área que concentrava há décadas campos de futebol de várzea e cujo tombamento contribuiu para a discussão sobre o lugar que a patrimonialização de uma prática como o futebol pode ocupar. A saga do tombamento teve início em 1987 e foi concluída passados sete anos, em 1994, dado que para além de falar do tempo de processamento de nossas instituições, pode dizer sobre as dificuldades de classificação, enquadramento e, enfim, patrimonialização de práticas culturais.

² Sobre as trajetórias recentes no campo da museologia ver ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *A memória do pensamento museológico contemporâneo*: documentos e depoimentos. Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

³ Vale ressaltar a criação de outro museu, na cidade de São Paulo, que também provoca tais críticas e comparações: o Museu da Língua Portuguesa (MLP), inaugurado em 2006. O projeto do MLP serviu de inspiração para a criação do MF, principalmente no que se refere ao uso de recursos epográficos tecnológicos.

Para legitimar o Parque do Povo como área remanescente culturalmente significativa foi necessário que especialistas de diversas áreas, em um robusto e paulatino processo de convencimento, defendessem tanto o lazer como prática relevante que possibilita “estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica de sociabilidade”,⁴ quanto o direito ao lazer e a importância do futebol de várzea como modalidade historicamente característica da trajetória de formação da cidade de São Paulo, conforme descreveram aqueles que participaram do percurso de negociações.

A grande questão que tal caso suscita é justamente a dificuldade de patrimonializar práticas culturais. Intrinsecamente dinâmicas, seu sentido só se dá em contexto e está sujeito a renovadas atualizações de significado. No caso do futebol de várzea, os profissionais envolvidos concluíram que o suporte material da prática estava em seu espaço físico de realização, o Parque do Povo. A preservação a partir do tombamento da área asseguraria assim, segundo os participantes deste projeto, a continuidade de existência dessa modalidade de futebol, mas sempre em sua versão contemporânea, ou seja, garantindo sua possibilidade de transformação.

Tal processo, eivado de complexidades, é um exemplo dos desafios de uma instituição que tem a pretensão de preservar e divulgar um fenômeno como o futebol. Para ficar ainda no exemplo do futebol de várzea, basta parar para especular mínima e hipoteticamente algumas maneiras de musealizar esta modalidade do esporte – além desta que resultou no tombamento de um espaço físico – e rapidamente nos deparamos com uma tarefa nada tranquila. No mínimo é necessário ter como pressuposto básico o entendimento da cultura como dimensão simbólica da experiência humana, viva, dinâmica e múltipla, e o entendimento da memória como algo mais do que uma faculdade, como dimensão ampla, dispersa, intraduzível em uma totalidade, mas que marca lugares e pessoas e, por isso, pode ser identificada, documentada e interpretada. Mesmo assim, na prática, o processo não é simples e exige um esforço de seleção e interpretação que inevitavelmente deve estar aberto às controvérsias. Quando exposto, após domesticado por toda a cadeia de operações museológicas, tal material deverá ser capaz de traduzir o fenômeno pesquisado contemplando suas permanências e efemeridades. Complexo de pensar, complexo de fazer.

Até onde se tem conhecimento, museus ou outras instituições que têm como tema o futebol geralmente optaram por explorar a dimensão material do fenô-

⁴ MAGNANI, José Guilherme e MORGADO, Naira. Tombamento do parque do povo: futebol de várzea também é patrimônio. In: IPHAN, Ministério da Cultura. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, 1996.

meno, na maioria das vezes circunscrita à memória particular de um clube. Tais equipamentos constituem-se como memoriais preciosos que concentram coleções de objetos ligados à trajetória singular de um time: troféus, flâmulas, camisas, bolas, fotografias, documentos como a ata de fundação, súmulas de jogos, entre outros. São locais que guardam, entretanto, diferenças em relação às opções realizadas no MF, cuja aposta é mais ampla e audaciosa por, justamente, abrir mão de representar o futebol por sua materialidade e considerá-lo nas suas potencialidades em termos de experiências sensoriais: dos gritos da torcida à prática de um chute, passando pelo registro de fatos que emocionam o apaixonado por futebol.

O Museu do Futebol apresenta, em sua exposição de longa duração, um recorte bastante específico sobre a história do esporte no século XX e, conseqüentemente, sobre a história recente do país. Como não poderia deixar de ser, a exposição segue escolhas curatoriais e apresenta uma versão do futebol e da história brasileiros. Optamos por não avaliar tais escolhas, mas explicitá-las resumidamente (correndo o risco da simplificação) na medida em que servirem para pensar no futebol como objeto de patrimonialização de complexidade ímpar e pouco afeito, diga-se, a totalizações.

O discurso central da exposição de longa duração, eixo principal que inaugurou o museu, está presente principalmente em quatro salas consecutivas, das quinze que compõem a mostra: Origens, Heróis, Rito de Passagem e Copas do Mundo. Tais salas se enquadram em uma linha de argumentação classificada como histórica na concepção do projeto por abordar o futebol brasileiro de maneira cronológica e relacioná-lo temporalmente a outros episódios ocorridos ao longo do século XX.

Em linhas gerais, a sala das Origens mescla imagens do futebol com outras imagens de época, cobrindo um período que vai do final do século XIX ao início dos anos de 1930, e tem como intenção principal contar a apropriação do esporte, inicialmente amador e restrito às elites, pelos negros e pessoas oriundas das camadas mais populares. Tal apropriação é narrada como uma conquista do “povo brasileiro” que designa o início de uma singularidade nacional expressa no jeito de jogar futebol, fruto, entre outros, dessa diversidade de tipos sociais.

A sala dos Heróis, por meio de um vídeo e minibiografias, elege vinte e quatro personalidades dos vários ramos: música, artes plásticas, arquitetura, literatura, sociologia, política e, entre outras, futebol, com o objetivo de colocar o esporte e seus mestres inventores no mesmo patamar de contribuição para a interpretação do país e consolidação de uma ideia de nação. O recorte temporal dessa sala contempla os anos de 1930 e 1940, considerados fundamentais para

a gestação de uma produção artística e intelectual que elegeu e elevou alguns “símbolos nacionais”, tais como o samba, a capoeira e a ginga brasileira, e os classificou como frutos da miscigenação cultural. Mais uma vez o jeito de jogar futebol é apontado como resultado de diversas influências que implicariam num manejo corporal característico do brasileiro.

A sala seguinte, Rito de Passagem, alça a derrota da seleção brasileira no Maracanã, em 1950, a momento crucial da história do futebol no país e, como o nome indica, marco e intervalo necessários à consagração alcançada no período seguinte, quando o futebol brasileiro começa a ser reconhecido e passa a ser referência internacional do esporte.

É disto que trata a última sala deste conjunto histórico. A área destinada às Copas do Mundo intercala lances de todas as edições do campeonato com alguns acontecimentos históricos considerados marcantes e almeja narrar a trajetória das seleções nas Copas e aspectos da história moderna a partir de 1930.

O discurso escolhido para o MF, portanto, trabalha o futebol tanto como produto de uma população heterogênea e miscigenada quanto como manifestação cultural capaz de revelar uma criatividade brasileira, só possível, justamente, por conta das especificidades históricas vividas pelo país.

Passível de críticas, afinal, outros elementos poderiam ter sido destacados, outras questões colocadas (ou outra maneira de colocá-las) e outras histórias eleitas –, o que aqui parece importante destacar é o tratamento do futebol como fenômeno social amplo, que mobiliza, atravessa e costura diversas dimensões de nossa sociedade, bem como aciona ideais, sentimentos de pertencimento e identificações. Embora a narrativa da exposição suavize conflitos e contradições, o futebol, nela, não é tratado de maneira isolada do mundo que o rodeia e reduzido ao jogo ou a alguma outra de suas facetas. Esse, talvez, seja um dos grandes méritos da exposição: colocar o futebol como protagonista de um processo de identificação construído por diferentes agentes sociais.

Tal ponto de vista, que pode parecer óbvio para quem pensa e escreve sobre o futebol, causa surpresa na maioria dos visitantes que procuram o MF. Vale lembrar o argumento que abre o livro recente de José Miguel Wisnik, para quem aquele que vive o esporte “poucas vezes conhece o futebol por dentro”.⁵ Segundo o autor, o mote do livro é refletir sobre como, dada a extensão do fenômeno no Brasil, “a imersão na vida futebolística se faz de uma maneira tal que não passa por uma atividade refletida, ou então *passa tanto* que todo mundo se considera

⁵ WISNIK, J. M. *Veneno remédio* – o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 11.

mais na posição de ensinar o futebol do que aprender sobre ele”.⁶ Ou sabemos muito ou nada sabemos sobre futebol. Essa máxima, aparentemente incontestável, é balanceada quando observamos o público no Museu. Os próprios visitantes surpreendem-se com o quanto o esporte permeia a sua memória individual e coletiva e com o fato de que, mesmo o sujeito mais distante do mundo futebolístico, reconhece a si mesmo na história do esporte no Brasil.

Imbuídos, muitas vezes, de uma ideia de museu que expõe apenas objetos do passado, “coisas velhas”, é geral a observação de quem visita o MF de que esperava encontrar salas com troféus, uniformes, bolas, chuteiras de “antigamente”. Daí o espanto, mas também o encanto em perceber que a história do futebol pode ser narrada de outras maneiras e de se despertar para a ideia de que, como brasileiro, a história de seu país passa pelo futebol, parafraseando José Lins do Rego.

Mas quais os possíveis rendimentos propiciados por tal narrativa?

Talvez o maior deles seja o de refletir sobre o investimento simbólico que o brasileiro conferiu ao futebol e como isso não resultou em um significado único atribuído ao esporte, apesar de torná-lo singular no sentido de agregar em si identificações coletivas. Isso é resultado de apropriações para lá de inventivas e negociadas, conquistadas por diferentes grupos sociais.

O MF, nesse grande cenário de apropriações simbólicas do futebol, torna-se mais um dos espaços em que diferentes agentes exercem esse processo identificatório a partir dos elementos simbólicos do futebol. Ressalta-se ainda, o fato de o MF estar instalado em um local da memória: o Estádio do Pacaembu que há 70 anos é palco de jogos e feitos memoráveis do esporte. Tombado pelos órgãos de patrimônio municipal, Conpresp, em 1991, e estadual, Condephaat, em 1998, há tempos é reconhecido e legitimado pelo paulista como um edifício importante na história do futebol. A chegada do novo equipamento museológico soma-se aos elos afetivos já construídos entre os frequentadores – antigos e atuais – e o estádio.

A primeira sala do Museu e local de acolhimento do visitante, denominada Grande Área, fornece um parâmetro das expectativas e reações do público. Com dimensões monumentais (um pé direito triplo), apresenta mais de 300 reproduções hiper ampliadas de objetos que materializam a paixão do torcedor. Contemplando diferentes times personificados em souvenirs e outros artefatos, uma das primeiras reações dos visitantes diante das séries de quadros é procurar por algo familiar: aquilo que representa o seu time, ou sua cidade natal, um ídolo conhecido ou algum objeto que já tenha possuído. Nesse sentido, apesar das proporções

⁶ Idem, p. 12.

impactantes, o cenário remete à parede do quarto, ou ao altar no canto da sala, ou à estante do avô. Este grande painel de quinquilharias do universo futebolístico causa a sensação de familiaridade e opera no íntimo da paixão do torcedor, ou na lembrança de quem, se não torceu, pelo menos conviveu com um torcedor. Os visitantes são atraídos por diferentes figuras: uma capa de disco da década de 1950, uma flâmula dos anos 1970 ou um brinquedo dos anos 1980. É o início de um fervilhar interno que reconhece e identifica referências de um arcabouço compartilhado e, mais, de uma intensa troca de memórias intergeracionais que perdura por todo o percurso da exposição.

Essa troca entre gerações parece ser propiciada por uma memória afetiva que, apesar de diferenciada em grau e extensão, é acionada em quase todo o público, dos mais novos aos mais velhos. A possibilidade de tal interação é corroborada por um dado interessante. Em pesquisa sobre perfil de público realizada no início de 2009,⁷ foi possível identificar que o MF recebe visitantes de todas as idades quase na mesma proporção (35,5% de 15 a 29 anos; 37% de 30 a 44 e 27,3% com mais de 45 anos). Tal informação não fala por si, mas pode ser significativa quando consideramos o quanto o futebol penetra o cotidiano do país, a ponto de o Museu, quase como uma partida de futebol, se tornar programa que compatibiliza todas as faixas etárias.⁸

Mesmo encerrando um discurso e uma versão da história do futebol no Brasil, o Museu permite que seu visitante continue exercendo aquilo que fez deste esporte o que ele é, hoje, no país: um marco identitário, uma expressão cultural que emociona e cria pertencimento a uma coletividade, seja ela clubística, de classe social, de cor, ou nacional.

Tomemos, por exemplo, o fato de boa parte dos visitantes, entre idosos, adultos e crianças, em especial nos finais de semana, vir ao MF vestidos com as camisas de clubes ou da seleção brasileira. Mesmo sendo um comportamento esperado por ser comum no Brasil, o fato desperta para o que pode ser um indício de que a ida ao museu, tal qual a ida a um jogo no estádio, a comemoração no dia seguinte a uma importante vitória, ou a preparação para assistir pela TV a uma partida de final de campeonato, é interpretada como um momento ritualizado e de celebra-

⁷ Pesquisa sobre o perfil dos visitantes realizada pela empresa ADM Museologia no período de 13 de janeiro a 13 de fevereiro de 2009, com uma amostra total de 1.006 visitantes a partir dos 15 anos de idade.

⁸ Para se ter um parâmetro, de acordo com pesquisa realizada pelo Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC SP 2006-7), a média de visitantes na faixa de 15 a 29 anos nos museus de São Paulo é de 47,7%.

ção do esporte. E, para tal, é necessário expressar-se com um dos símbolos mais evidentes do envolvimento com esse ritual: o ato de vestir a camisa do seu clube.

Local consagrado ao esporte, o MF acaba sendo também lugar onde é possível (e esperado?) ao visitante marcar seu pertencimento, sua filiação, sua identidade de torcedor. Tem-se, assim, uma interação singular público-público e público-acervo. Tal interação é marcada desde ações mais óbvias, como no Fichário de Clubes, em que, ao manipular as fichas, o visitante deixa à mostra aquela do seu clube e fecha a de um time rival. Ou então, ao perceber alguma informação incorreta ou que apresente discordância ao que ele considera como verdade, o visitante leva sua crítica aos representantes do Museu e exige reparação imediata, afinal, é a memória do seu clube, apresentada segundo a sua própria versão do acontecimento, que está em risco. Prova desse comportamento é o recebimento semanal de um número expressivo de mensagens⁹ de pessoas que passaram pelo MF e apontam erros de conteúdo, dúvidas, sugestões ou, simplesmente, escrevem para compartilhar alguma memória, como nos exemplos abaixo:

[...] estive em São Paulo no Museu do Futebol nesses feriados de final de ano e escrevo para conseguir algum material do meu pai que jogou no Botafogo junto com o Nilton Santos. Por várias vezes tentei entrar em contato com o Nilton Santos mas infelizmente não consegui. O nome do meu pai é Ruben Ruaro conhecido como Ruarinho no futebol, além de ter jogado no Botafogo também fez parte da delegação brasileira que ganhou o Pan Americano de 1952. Aqui no Rio Grande do Sul jogou no Internacional, chegou a jogar em outros times de São Paulo e Rio. Bem, o que eu realmente gostaria de conseguir era um filme de um jogo de meu pai, isso daria uma alegria a minha mãe que tem hoje 82 anos de idade e é uma verdadeira enciclopédia ambulante dos fatos esportivos daquela época. A amizade de meu pai com Nilton Santos é comentada pela minha mãe entre outras com vários craques daquele período. Dona Rosa, minha mãe, possui vários recortes de jornais e fotografias que ela guarda com muito carinho como recordação do meu pai que faleceu há mais de 20 anos mas ainda continua presente em suas lembranças diárias. Por esse motivo peço a gentileza de pesquisar sobre a existência de um jogo em que meu pai estivesse jogando para mostrar a minha mãe e também aos meus filhos o avô que eles não conheceram a não ser por fotografias.

O taxista de 76 anos foi às lágrimas quando lembrou de uma partida, entre Palmeiras e Santos, que ele viu nas arquibancadas deste estádio, em 1963. Seu Joel contou que aquele foi o momento máximo de futebol que ele testemunhou. Foi por isso que eu quis tirar um retrato dele. Acabei atrasando a viagem de moça e criança que me acompanhavam. Mas

⁹ Recebemos aproximadamente duas mensagens por dia e uma média de 60 por mês, considerado um número significativo de participação do público, apesar de não termos dados para comparar com outros museus.

ganhei um cartão. E escrevo. Joel tinha nas mãos uma foto em que posa ao lado do Rei Pelé, no mesmo ano de 1963.

O jogo que me narrou foi realmente inesquecível. O Palmeiras massacrava o time de Pelé no primeiro tempo, que terminou 5 x 1. Na segunda parte, o Santos reagiu e arrancou um empate heróico, aos 39: 5 x 5. Em seguida, o Palmeiras voltou a marcar – 6 x 5. Mas o Santos tinha Pelé. Nos três minutos finais da partida, o Rei virou o jogo para 6 x 7 e marcou para sempre a vida do seu Joel, que é corintiano. Conto essa história pra te dizer que a maior paixão da minha vida é o futebol. O Brasil vai respirar futebol nos próximos anos e eu queria ver isso de perto. [...] Sou jovem, tenho 28 oito anos, e acredito profundamente na capacidade do futebol de “transformar o indivíduo” brasileiro. [...] como faço para doar a caderneta com as assinaturas dos jogadores do Brasil da Copa de 1950?

Quero deixar aqui meu protesto, contra os fundadores e organizadores do Museu do Futebol no Estádio Dr. Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu). Qual foi a minha surpresa e indignação ao visitar o local onde foram colocadas narrações esportivas com os maiores locutores de todos os tempos: Geraldo José de Almeida, Jorge Cury, Ary Barroso, Gagliano Neto, Waldir Amaral, Jose Carlos Araujo, Fiori Gigliotti, Osmar Santos, José Silverio, entre outros. Deixaram de incluir um dos mais renomados locutores esportivos dos anos 1960/70, o qual passei minha juventude ouvindo. Trata-se de Joseval Peixoto Guimarães, que junto ao comentarista Leonidas da Silva e Geraldo Blota, foram um marco na história da radiofonia esportiva brasileira na antiga Rádio Panamericana, hoje Rádio Jovem Pan. Ainda acredito que haja tempo de corrigir essa injustiça, pois é em vida que se prestam as justas homenagens, e o Joseval Peixoto se faz merecedor pelo muito que realizou pelo Rádio Esportivo Brasileiro.

Como amante do futebol, fui algumas vezes ao museu, primeiramente gostaria de dar os parabéns aos idealizadores desse espaço, que conta com um acervo maravilhoso, que nos faz viajar na nossa história e nossa cultura. Sou curitibano, e torcedor fanático do Paraná Clube, me senti honrado ao perceber no acervo fotos, histórias e bandeiras dos times que deram origem ao Paraná Clube (Colorado, Pinheiros, Ferroviário, entre outros). A minha sugestão / crítica é referente ao espaço reservado para as torcidas, onde aparece as torcidas dos principais times do país cantando seus gritos de guerra, vibrando com seus gols, torcedores felizes e cantando a um coro só as músicas dos seus times de coração. Ao aparecer a torcida do meu querido Paraná Clube, para minha tristeza, tristeza essa compartilhada com outros amigos paranistas que vieram de Curitiba prestigiar o museu, aparecem poucos torcedores do setor social do estádio que, no dia da filmagem, estava vazio (Vila Capanema), torcedores esses sentados, com capa de chuva, cara de triste, aparentemente reclamando de alguma coisa, e alguns tímidos gritos. Retratando de forma errada a vibrante torcida paranista, a massa tricolor, e a Vibrante Fúria independente. Me coloco a total disposição para fazer a ponte com a diretoria do Paraná Clube bem como com a principal torcida organizada para passar para vocês vídeos que façam jus à torcida vibrante que o time tem, todos cantando a um só coro os gritos de guerra do meu tricolor. Seria um bem para os torcedores paranistas como eu que visitam o museu, e para os demais

milhões de brasileiros que visitam esse excepcional espaço reservado para a história do futebol do nosso Brasil.

A interação público-acervo segue, no geral, a lógica do torcedor à procura de elementos de seu clube e/ou então a lógica do especialista, pronto para analisar e apontar acertos e falhas, pegando aqui de empréstimo as categorias analíticas utilizadas pelo antropólogo Luiz Henrique Toledo ao destringir as diferentes formas de experimentar o futebol e enxergar uma partida. De acordo com este autor, “a fala torcedora tende a ser mais hierarquizada, pois a afinidade estabelecida com os clubes, times, selecionado ou jogadores é pautada por uma certa pessoalização destes, ou seja, cada clube inscreve no imaginário do torcedor a sua marca, de aproximação, simpatia, adesão ou hostilidade, indiferença e esquivia”.¹⁰ Em contrapartida, o olhar do especialista buscaria “instaurar uma inteligibilidade”, seguindo critérios de uma lógica estatística, mais próxima de uma racionalidade cartesiana. O que diferenciaria, sobretudo, o especialista do torcedor, no caso da observação de uma partida, seria o “comprometimento com uma abordagem tecnicista e desencantada” do primeiro.¹¹ Lógicas não excludentes. Se fossemos estabelecer um paralelo com a análise de Toledo tendo como foco a experiência dentro do Museu, poderíamos dizer que a conduta do visitante, não necessariamente torcedor e nem especialista *strictu sensu*, navega tranquilamente entre as duas posições e, mais, aciona as duas posturas ao longo da visita.

De certo modo, o visitante no museu é um torcedor ou um especialista em potencial, num sentido alargado e menos preciso da palavra.¹² Com isso queremos sinalizar que grande parte dos visitantes detém algum conhecimento mínimo a respeito do esporte, lembrando dados e feitos, reconhecendo e compartilhando reações emocionais e tendo, enfim, algo a dizer ou sentir a respeito daquilo que está exposto.

Mesmo aquele que não se identifica de imediato como “torcedor” ou “fanático” por futebol encontra no Museu um lugar para dialogar com a prática. Na pesquisa de perfil de público citada anteriormente, apurou-se que 23% dos visitantes motivaram-se a conhecer o MF por se dizerem “aficionados” pelo esporte. Podemos considerar este percentual baixo, frente ao fato de o Museu

¹⁰ TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Editora Hucitec/Fapesp, 2002, p. 272.

¹¹ Idem, p. 279.

¹² Utilizamos aqui a expressão especialista de maneira mais livre, como pessoa que detém conhecimentos a respeito da prática, mesmo que variados e mais ou menos especializados – diferente, portanto, da utilização mais precisa empregada por Toledo (2002) para diferenciar as formas de enxergar o futebol.

ser restrito a um tema específico. A pesquisa também apurou que 95% dos que visitam o Museu indicariam o passeio àqueles que afirmam não gostar de futebol.

Desse modo, o MF é um local frequentado tanto por “torcedores” e “especialistas” que também transitam em outros espaços da prática do esporte (como os estádios e as torcidas organizadas), mas, sobretudo, por pessoas que, antes da visita, não se utilizavam necessariamente do arcabouço simbólico do futebol para se identificar. Assim, a memória do futebol, no MF, é ativada e colocada em disputa por pessoas com diferentes níveis de conhecimento e reconhecimento do esporte.

Encontros inusitados que ocorrem no MF também são interessantes do ponto de vista da interação público-público e público-acervo. Por exemplo, citamos um casal que, ao olhar as imagens de antigas seleções brasileiras comentava sobre como atualmente “não há mais amor à camisa” e que “seleção boa era mesmo a de 1982”. Eis que, de repente, surge na sala Éder, ponta-esquerda daquele histórico selecionado. O casal foi tomado pela surpresa, pois não esperava que o comentarista nostálgico se “materializasse” em um dos personagens do fato lembrado.

Há também o caso da filha de um árbitro que, sem conhecer pessoalmente o pai, mas sabendo de seu histórico profissional, procurou a equipe do MF, antes da visita, para saber se na exposição havia imagens dele. Após uma breve consulta, descobrimos que o árbitro em questão aparecia em um dos vídeos da Sala dos Gols. A senhora pode, então, ver seu pai em atuação, pela primeira vez, no museu.

Já houve jogador famoso que se decepcionou por não estar entre os Anjos Barrocos, 25 craques selecionados para compor uma das instalações do Museu. Ou uma visita de ídolos que jogaram pela Seleção Brasileira nas Copas de 1958 e 1962 que quebrou protocolos e o horário previsto pelas redes de televisão que registravam o evento: os jogadores, emocionados, olhavam repetidamente as mesmas imagens e jogadas e recordavam entre si momentos daquilo que haviam vivido, ignorando tempo e dinâmica prevista pelos organizadores.

Cotidianamente recebemos solicitações com o intuito de doar, vender ou emprestar elementos guardados por particulares. Esses contatos são registrados em banco de dados¹³ e a maior parte deles foi apontado pelas pessoas que entraram em contato com o MF como “item raro”: são camisas, bolas, revistas e cardenetas autografadas, fotografias e diferentes objetos que compõem o universo do futebol. Tais demandas vêm de pessoas conhecidas e desconhecidas que pretendem cobrir eventuais lacunas identificadas (por eles próprios) no Museu e/ou contribuir com memórias pessoais ou de seu time.

¹³ Um primeiro balanço realizado em setembro de 2009 contabilizou 158 registros.

Diante desse leque de experimentações do futebol, o MF é um espaço cujos direcionamentos e escolhas curatoriais estão sempre potencialmente em risco. Pode-se afirmar que tal prerrogativa do risco é constitutiva de qualquer espaço onde há interação humana, incluindo, portanto, instituições museológicas de todas as naturezas de acervo. No entanto, no caso de um espaço dedicado a tema tão significativo nacionalmente e sujeito a rápidas incorporações e apropriações, porque familiar, reconhecido e domesticado, o retorno imediato do público (por meio de elogios, contestações, complementos, solicitações e verbalização de encontros e desencontros, como no caso da filha do juiz) se não singular, é digno de nota e reflexão.

Todos, mais ou menos, compartilham um repertório comum,¹⁴ contido na exposição e também expresso e explicitado nos corpos que circulam. Não é incomum, entre visitantes, a troca de olhares e palavras que comungam, como num segredo partilhado e prazeroso, tal reconhecimento. Com isso presencia-se durante a visitação muita gente conversando, além de manifestações contundentes de emoção: ajoelhar-se diante de uma imagem (quase que santificada),¹⁵ assistir repetidamente ao mesmo lance, ficar com os olhos marejados ou sorrir e balançar a cabeça, como que rememorando internamente alguma situação vivida.

A ocorrência dessa troca efervescente é interessante, transforma a visita em uma experiência múltipla e pode ser aproveitada pela instituição. O público passa a ser um colaborador ativo ao complementar informações, questionar faltas ou supostos equívocos daquilo que está exposto.

Se o visitante é potencialmente um produtor e operador de memórias e experiências do futebol, um dos desafios é registrar aquilo trazido pelo público durante a visita e, mais, transformar a visita também em objeto de análise: como um novo espaço suporta a experiência do futebol, em que é possível interpretar as formas como as pessoas vivenciam o esporte.

¹⁴ Concordamos com Toledo quando, ao comparar o Brasil com outros países, afirma que “aqui, para além de um *hobby* ou espetáculo, as intermináveis e aparentemente infrutíferas discussões cotidianas em torno do futebol consolidam saberes específicos e compartilhados, seja no âmbito dos fundamentos técnicos exaustivamente treinados e executados pelos *profissionais*, nas sensibilidades vivenciadas no *torcer e/ou enxergar* um jogo do ponto de vista do torcedor, ou nas polêmicas deflagradas nas coberturas diaristas, nas rádios, nas mesas-redondas, enfim, destinadas às teorizações dos *especialistas*” (2002, p. 283).

¹⁵ Como lembra Hilário Franco Júnior ao pensar o futebol também como metáfora religiosa, “os jogadores são ‘ídolos’, a camisa e a bandeira do clube, ‘manto sagrado’, os gols aparentemente ilógicos, ‘espíritos’, gestos religiosos (ortodoxos ou não) cercam todo o ambiente futebolístico. As defesas incríveis são ‘milagrosas’ e seus autores ‘santos’ (2007, p. 259).

Trazer a experiência do visitante para o centro do debate não é procedimento estranho à área de museus, ainda que recente.¹⁶ Foi sobretudo a partir dos anos 1980 que o museu passou a ser pensado como lugar e meio de comunicação, que tem como linguagem específica as formas expositivas que articulam objetos, signos, ideias e emoções.¹⁷ Nesse contexto, como argumenta Marília Xavier Cury, a audiência (entendida como o público visitante e o não-visitante) passou a ocupar lugar privilegiado para a compreensão dos processos museológicos, tais como a concepção de exposições, a ação educativa e a aquisição de acervos.¹⁸

Segundo a autora, na década de 1990, surge um novo modelo de comunicação para museus, no qual a “concepção de público como intérprete criador e cidadão, que substitui a aceitação passiva pela argumentação e negociação,¹⁹ passa a nortear as ações. Nesse sentido, as exposições e a ação educativa – pilares da função comunicacional de um museu – constituem-se como “lugares metodológicos” essenciais, onde o público se revela como sujeito. Nas palavras de Cury: “constituem-se em linguagens condensadas e altamente engenhosas. Condensam atitudes e valores, sentimentos, afetividades, razão e emoção, sensibilidade. São engenhosas porque requerem uma elaboração cuidadosa e minuciosa, associam objetos patrimoniais *musealizados* com recursos *multissensoriais*, dosam inteligibilidade com sentido e conhecimento com significação, desvelam o intangível do tangível, unificam espaço e tempo e trabalham em cinco dimensões – a tridimensionalidade do espaço e dos objetos e a interatividade (participação cognitiva) e a criatividade como dimensões”.²⁰ Vale lembrar que o investimento do MF nos recursos expositivos e na transformação da vista em uma experiência

¹⁶ Pelo menos desde meados do século XX, é possível identificar em processo no pensamento museológico um deslocamento do papel tradicionalmente atribuído aos museus. É possível citar, apenas a título de exemplo, um dos encontros de profissionais da área da museologia nesse período. A mesa redonda de Santiago do Chile, ocorrida em 1972, discutiu pressupostos que rompiam mais radicalmente com a ideia de coleta e conservação como atividades e missões únicas de uma instituição museológica: trazia-se para o debate, então e por exemplo, pensar o museu em sua relação com os problemas da sociedade (Araujo & Bruno, 1995).

¹⁷ A comunicação como uma função central em um museu consolidou-se com a Declaração de Caracas, em 1992. Antes disso, em 1984, a Declaração de Québec colocou em pauta a importância de pensar o público como agente fundamental (noção de público-colaborador) e que, portanto, necessariamente deveria ser levado em consideração na construção da herança preservada e comunicada pelos museus. Não à toa, experiências como os ecomuseus e os museus de sociedade foram a tônica da década (Cf. Araujo & Bueno, op. cit.).

¹⁸ CURY, Marília Xavier. Uma perspectiva teórica e metodológica para a pesquisa de recepção em museus. In: MARANDINO, M.; ALMEIDA, A.; VALENTE, M. *Museu: lugar do público*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009.

¹⁹ Idem, p. 159.

²⁰ Idem, p. 160.

multissensorial tem sua raiz, justamente, nessa mudança de paradigma em relação ao potencial comunicativo de um museu.

Todavia, se o que até agora foi relatado insere-se em um campo teórico da museologia já consolidado e muito debatido, do ponto de vista dos estudos sobre o futebol propriamente dito, acreditamos, abre-se um novo campo e a experiência deste tema em um museu não deixa de ser preciosa e instigante.

Se partimos do pressuposto de que o público em um espaço museológico é sujeito, visto que conceitualiza objetos, gerencia tempos passado-presente-futuro, agencia memórias, articula identidades, apropria-se e contesta discursos e narrativas, vive experiências e afetividades, um dos desafios que cabe ao MF no que tange a sua missão de musealizar o futebol é, justamente, registrar, sistematizar e reelaborar a dinâmica da interação público-acervo.

Tal dinâmica, cujas primeiras percepções foram relatadas neste artigo, pode contribuir para os estudos sobre o futebol ao desvendar as formas pelas quais esse esporte se realiza na memória individual e coletiva. Certamente, cabe um estudo mais aprofundado e uma pesquisa mais sistemática sobre as percepções do público visitante no MF. Enquanto isso, vale dizer que uma das maneiras de encarar o desafio de musealizar um fenômeno tão dinâmico quanto o futebol é levar a sério o que ocorre dentro do museu. Caberia um conjunto de procedimentos de pesquisa para esse fim: desde levantamentos sobre perfil de visitantes à realização de etnografias da movimentação nesse espaço, a entrevistas e coletas de depoimentos sobre a visita e o futebol vivido nesse momento específico.

Contudo, essa é uma ponta do processo desafiador de patrimonialização do futebol. A outra está em identificar, mapear e catalogar o futebol vivido fora do museu e as inúmeras iniciativas pessoais e institucionais de registro da memória do esporte: o colecionador que reúne artefatos relacionados à prática; o torcedor que veste, canta e às vezes também coleciona elementos do futebol; o clube que guarda e acumula as diversas provas de seus feitos e de sua história; os programas de rádio e televisão que gravam e repetem lances memoráveis e comentam das partidas à conduta dos jogadores, torcedores e demais profissionais envolvidos; as crianças, jovens e adultos que se reúnem para jogar peladas ou discutir jogos e feitos, em campos, bares, praças e em suas residências, também, em graus diferentes, lugares da memória do esporte; os especialistas de várias áreas que se dedicam desde a elaborar uma bola mais veloz, a desenvolver um método mais eficaz de mensuração do movimento do atleta, até criar procedimentos cirúrgicos e exercícios de controle e aprimoramento do corpo do jogador – estudos que partem de experimentações (registradas) que permitem o confronto, comparação

e desenvolvimento de técnicas e resultam num mapa dos investimentos feitos pelas várias áreas no esporte.

Ao juntar as duas pontas do processo – o futebol pensado e vivenciado dentro do museu e o realizado fora dele – deparamo-nos com um vasto universo de investigação e de memórias potencialmente significativas para um processo museológico. O MF, espaço que tem como razão de ser a preservação e a comunicação do futebol, em sentido alargado, tem a responsabilidade de considerar as inúmeras facetas do esporte enquanto fenômeno museológico e partilhar com a sociedade envolvente a definição daquilo que será legado deste patrimônio à posteridade.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos*. Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.
- CURY, Marília Xavier. Uma perspectiva teórica e metodológica para a pesquisa de recepção em museus. In: MARANDINO, M.; ALMEIDA, A.; VALENTE, M. *Museu: lugar do público*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses*. Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MAGNANI, José Guilherme e MORGADO, Naira. Tombamento do Parque do Povo: futebol de várzea também é patrimônio. In: IPHAN, Ministério da Cultura. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, 1996,.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.
- WISNIK, J. M. *Veneno remédio – o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido: 14/11/2009 – Aprovado: 24/05/2010